

IV Edição do Concurso de Contos do Museu do Aljube  
Resistência e Liberdade  
“Coragem hoje, abraços amanhã”

# As Mulheres Fantasma

Lua Saluu

Deambulando pelas ruas da cidade de Lisboa, Aurora da Silva observa as pessoas que se tentam mover na multidão, quase como se estivessem a ser sufocadas.

São oito da manhã. Todos se direcionam para a Tabacaria do Mónaco para comprarem gazetas e jornais e informarem-se das novidades do país. Porém, quando desviam os olhos para a capa do jornal, ficam agitadas e têm o medo vidrado nos seus olhos. Sussurram com a pessoa que têm ao lado quase como se não tivessem voz para falarem e, esbaforidos, tentam sair daquela praça o mais rápido possível.

Aurora não para. Observa e estuda rapidamente cada pessoa que se encontra naquela praça. Contudo, algo em comum tem com essas pessoas: agitação e aflição.

Entra sorrateiramente numa edificação que se encontra num beco. Tranca a porta e sobe umas longas e estreitas escadas de madeira. Parecia que aquelas escadas nunca mais acabavam, até que, finalmente, chega ao limiar e vê um pequeno escadote de madeira que dava para uma minúscula entrada.

Lá dentro, depois de entrar, a primeira coisa que sobressai naquela desordem de papéis e jornais, são duas silhuetas que se viram bruscamente:

- Aurora! Caraças, que susto! Já estávamos a ficar preocupadas contigo. Alguém desconfiou de nós? – perguntou Ana Silva, irmã de Aurora.

- O que aconteceu para demorares tanto? Suspeitaram de ti? – perguntou a terceira irmã, Madalena.

- Não aconteceu nada. Tenham calma! Aquilo estava abarrotado de pessoas. – respondeu Aurora com serenidade.

- Abarrotado de pessoas? Então isso quer dizer que alcançámos o nosso objetivo? As pessoas viram o nosso artigo? – questionou Ana curiosa e com um pouco de entusiasmo.

- Sim. Sinceramente, acho que nunca vi tanta pessoa a ler o jornal às oito da manhã. Inclusive, mulheres e indigentes, sem quase nenhum tostão.

Mas... mal punham os olhos no artigo, lançavam-no logo para o lixo, antes que alguém pensasse que poderiam ser os seus autores.

- Ainda bem! O que interessa é que saibam a verdade sobre esta ditadura. As atrocidades da PIDE contras as pessoas que se erguem e que fazem com que a sua voz seja ouvida para defenderem os seus direitos. Os portugueses têm de se unir. – profere Madalena.

- Sim e também temos de fazer justiça pela nossa mãe. – lembrou Ana.

Três irmãos que ficaram sem mãe devido à sua diferente forma de ver o futuro do país, por ter lutado no que acreditava. Torturada de todas as formas possíveis e imagináveis somente por querer usufruir dos seus direitos, até ao seu último suspiro. Até ficar sem voz.

Agora a vingança percorria-lhes o corpo. O único desejo que neste momento tinham, era pôr fim a toda aquela crueldade e homenagear a única pessoa que ainda tinham nas suas vidas, mas que lhes fora arrancada dos braços. Sem mais nem menos. Sem um aviso, nem direito a uma despedida.

Ainda nesse dia, mais tarde, a Ana decidiu ir à pequena tasca do senhor Manuel que se situava ao fundo da rua. Bebeu duas taças de vinho do Porto e saiu. Vagueou, sentindo a brisa da noite e tentando sentir alguma da liberdade que ainda restava naquele país. Mas algo a incomodava. Uma sensação estranha... Um pressentimento de que estava a ser seguida por uma sombra no meio da escuridão. A primeira coisa que lhe veio à cabeça, foi procurar uma cabine telefónica para ligar a Aurora e Madalena, mesmo sabendo o risco que corria, pois até os telefones estavam sob vigilância da PIDE. Contudo, precisava de ajuda. Precisava de as avisar e essa era a única maneira mais rápida. Procurou pelos últimos centavos que tinha no bolso do casaco e ligou.

Ana nunca mais voltou a casa e Aurora e Madalena já sabiam o que lhes esperava. Acenderam o seu último cigarro e esperaram.

Passaram-se dias, meses, anos, sem nunca mais verem ou sentirem um raio de sol. Isoladas por quatro paredes e o único contacto com o exterior era um minúsculo buraco que dava para observar a Sé de Lisboa. Não deixava de

ser uma ironia pois, um sítio que supostamente devia ser a casa de Deus, estava ao lado da cadeia de Aljube. A cadeia que, como muitas outras, aprisionava pessoas que não tinham cometido qualquer crime. Somente tinham usado as suas vozes e pensamentos.

Aquelas três mulheres, entre tantas outras que se encontravam naquela cadeia, tiveram de passar por inúmeros martírios. O cheiro de fezes e urina alastrava-se pelo corredor das celas, pois nem uma banal retrete tinham. Naquele sítio que já era tão repugnante e imundo, ainda eram obrigadas a limparem-se às suas próprias vestes. Havia dias, noites seguidas, que as obrigavam a não dormir e a ficar em pé, como estátuas, sem poderem mexer um único músculo. Se mexessem, voltavam a ser espancadas.

Este tipo de jogo psicológico feito pelos agentes da PIDE, tinham o objetivo de obrigarem os presos políticos a falarem sobre outras pessoas que estariam também contra a sua política e regras impostas.

Houve um dia, que Madalena recebeu uma carta. Disseram-lhe que era das suas irmãs. Realmente, estava assinada por elas, mas revelava que tinham confessado tudo o que faziam e, até mesmo, acusavam outras pessoas que poderiam também estar envolvidas. Madalena conhecia as suas irmãs. Elas não eram capazes de fazer tal coisa. As três prometeram fazer justiça pela sua mãe e a promessa ia permanecer. Iriam sempre resistir e tudo aquilo era uma artimanha para conseguirem o que queriam.

A certa altura, até um simples espelho fazia falta. Tinham falta de ver a sua própria imagem e questionavam-se a si próprios “Eu ainda estou aqui?”. Ao verem apenas um vidro, procuravam o seu reflexo ansiosamente, pois se o encontrassem, significava que ainda ali estavam apesar de toda a dor que sentiam. Por mais mínima que fosse, davas-lhe esperança.

Lá, na prisão, tudo era falado em códigos e através de batidas na parede, mas para Aurora, Madalena e Ana, os sinais eram uma incógnita. A única frase que lhes permanecia no pensamento era: “Coragem hoje, abraços amanhã”.

Era atormentador o que tinham de aguentar. Muitas pessoas desistiam, chegavam a acabar com a sua própria vida. Mas outras, como as três corajosas irmãs, continuavam a lutar, acreditar e a resistir às ameaças e aos tormentos diários

O tempo passava, lentamente. Porém, a calma aparecia aos poucos.

Inesperadamente, um homem fardado surge pelas sombras do corredor entre as celas e enuncia em voz alta:

- Saiam todos! Estão livres!

As celas abrem-se e as pessoas saem com a felicidade e a esperança nos seus olhos. Com alívio chegam à rua, olham para o céu. Está limpo. Fecham os olhos e tocam-se para terem a certeza de que aquilo não era um sonho. Era real. Sentem a liberdade que lhes foi tirada há tanto tempo e choram de emoção.

No meio de todo aquele alvoroço, Ana procura as suas irmãs e quando os seus olhos se cruzam com os delas, correm sem pensar duas vezes e abraçam-se:

- Conseguimos! Somos livres! – gritam com as lágrimas a escorrerem-lhes pelo rosto.

- Agora sim, chegou o dia dos abraços! Chega de vivermos com a coragem a pesar-nos em cima. Vamos viver finalmente em liberdade de abraçar quem queremos, falar o que quisermos e fazermos o que sentimos! – disse entusiasmada Aurora.

E seguem abraçadas até desaparecerem no meio da multidão...